

Denilson P. de Matos

SINTAXE NA LINGUÍSTICA FUNCIONAL

Hil

joa

pess

UNCIONAL

cartas AMOR

sertão

GSF E COMPL

E povos indígenas

pronomes (RE

ISE "coisa" no português

partícula disc

COGNICÃO líng
por

demonstrativos item

EU Editora
UFPB

SINTAXE NA LINGUÍSTICA FUNCIONAL



Reitor
Vice-Reitora

UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA

Valdiney Veloso Gouveia
Liana Filgueira Albuquerque



Direção
Gestão de Editoração
Gestão de Sistemas

EDITORIA UFPB

Natanael Antonio dos Santos
Sâmella Arruda Araújo
Ana Gabriella Carvalho

Conselho Editorial

Adailson Pereira de Souza (Ciências Agrárias)
Eliana Vasconcelos da Silva Esval (Linguística, Letras e Artes)
Fabiana Sena da Silva (Interdisciplinar)
Gisele Rocha Côrtes (Ciências Sociais Aplicadas)
Ilda Antonieta Salata Toscano (Ciências Exatas e da Terra)
Luana Rodrigues de Almeida (Ciências da Saúde)
Maria de Lourdes Barreto Gomes (Engenharias)
Maria Patrícia Lopes Goldfarb (Ciências Humanas)
Maria Regina Vasconcelos Barbosa (Ciências Biológicas)

Editora filiada à:



Associação Brasileira
das Editoras Universitárias

Denilson P. de Matos
Organizador

SINTAXE NA LINGUÍSTICA FUNCIONAL

Editora UFPB
João Pessoa
2021

Direitos autorais 2021 – Editora UFPB.

TODOS OS DIREITOS RESERVADOS À EDITORA UFPB.

É proibida a reprodução total ou parcial, de qualquer forma ou por qualquer meio.

A violação dos direitos autorais (Lei nº 9.610/1998) é crime estabelecido no artigo 184 do Código Penal.

O conteúdo e a revisão de texto/normalização desta publicação são de inteira responsabilidade do(s) autor(es).

Projeto Gráfico	Editora UFPB
Revisão Gráfica	Alice Brito
Editoração Eletrônica	Emmanuel Luna
Capa	Valentina Ilarraz

Catálogo na fonte:

Biblioteca Central da Universidade Federal da Paraíba

S618 Sintaxe na linguística funcional / Denilson P. de Matos (organizador). -
João Pessoa: Editora UFPB, 2021.
246 p. : il.

E-book
ISBN: 978-65-5942-134-3

1. Linguística. 2. Língua portuguesa - Ensino. 3. Sintaxe. 4. Análise do discurso. 5. Análise linguística. 6. Português falado I. Matos, Denilson P. de. II. Título.

UFPB/BC

CDU 81

Livro aprovado para publicação através do Edital N° 01/2020/Editora Universitária/ UFPB - Programa de Publicação de E-books.

EDITORA UFPB Cidade Universitária, Campus I
Prédio da Editora Universitária, s/n
João Pessoa – PB
CEP 58.051-970
<http://www.editora.ufpb.br>
E-mail: editora@ufpb.br
Fone: (83) 3216.7147

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO

EU USO, ELE USA, NÓS USAMOS7

Denilson Pereira de Matos

CAPÍTULO 1..... 16
FUNCIONALISMO, COGNIÇÃO E ENSINO DE LÍNGUA
PORTUGUESA

Mariangela Rios de Oliveira

CAPÍTULO 2.....37
USOS DO ITEM LEXICAL “COISA” NO PORTUGUÊS
FALADO DE JOÃO PESSOA – PB

José Walbérico da S. WCosta

Denilson P. de Matos

Maria Angélica Furtado da Cunha

CAPÍTULO 3..... 60
“ENVIO-TE MAIS ESTA CARTINHA PARA DAR-TE AS
MINHAS NOTÍCIAS E SABER DAS TUAS”: as formas
pronominais dativas em cartas amorosas do sertão pernambucano

Cleber A. Ataíde

Victor Hugo Luz Ramos

CAPÍTULO 4..... 87
PRONOMES DEMONSTRATIVOS: uma (re)visão
pancrônica

Cláudia S. Oliveira

Denilson P. de Matos

CAPÍTULO 5.....	116
ANÁLISE LINGUÍSTICA COGNITIVO-FUNCIONAL DO DISCURSO JORNALÍSTICO SOBRE OS POVOS INDÍGENAS BRASILEIROS	
<i>Isabella S. Toguchi</i> <i>Dioney M. Gomes</i>	
CAPÍTULO 6.....	143
O PERCURSO FUNCIONAL DOS PRONOMES DEMONSTRATIVOS <i>ESSE</i> E <i>ESTE</i>: do latim clássico ao português	
<i>Adílio Junior de Souza</i> <i>Denilson Pereira de Matos</i>	
CAPÍTULO 7.....	168
“PEGO ELE”, “COLOCOU ELA”: usos e formas em flutuação	
<i>cícero José da Silva</i> <i>Denilson Pereira Matos</i>	
CAPÍTULO 8.....	196
GSF E COMPLEXO ORACIONAL	
<i>Vania Lúcia Rodrigues Dutra</i>	
CAPÍTULO 9.....	213
A PARTÍCULA DISCURSIVA <i>ME</i>	
<i>Adélia Virgínia de A. Lacerda</i> <i>Amanda Brito de M. Farias</i> <i>Denilson P. de Matos</i>	
SOBRE OS AUTORES E AUTORAS	238

APRESENTAÇÃO

EU USO, ELE USA, NÓS USAMOS

A obra *Sintaxe na Linguística Funcional* traz um conjunto de trabalhos voltados para estruturas e princípios sintáticos que se desdobram em outras inquietações e discussões. Estas são geradas de uma abordagem que admite cláusula/oração e discurso sob a dimensão do uso.

Os professores e pós-graduandos que contribuem com esta coletânea dão-lhe perfil prático, interessante, tendo em vista que provém dos resultados preliminares e finais de estudos construídos em tempos de luta pela universidade, pela educação, enfim, pela ciência em nosso país. Por isso, não apenas como registro linguístico-científico, mas também como registro histórico (de resistência pela pesquisa responsável e comprometida com a sociedade), apresento, com satisfação, o livro *Sintaxe na Linguística Funcional*.

Ressalte-se que os fundamentos que regem cada capítulo lidam com a função linguística a partir de argumentos, conceitos e propostas do funcionalismo. Tais enfoques exaltam, por exemplo, a perspectiva:

- (+) Clássica, no que se refere às bases da Linguística Funcional norte americana, atualmente alcunhada de Linguística Funcional clássica (LFC);
- (+) Semântico-cognitiva e (+) discursivo-pragmática, conhecida como Linguística Funcional Centrada no Uso (LFCU) e;

- (+) Léxico-gramatical, de inspiração europeia, a Linguística Sistêmico-Funcional (LSF),

De toda maneira, a partir de tais perspectivas, emergem as convicções deste livro que ora apresento:

- a. A estrutura/estruturação é observada a partir da função, considerando arranjos e rearranjos sintáticos, semânticos e discursivos, perceptíveis no uso;
- b. A língua/linguagem é admitida como prática social, para e na sociedade;
- c. O Uso torna exequível a pesquisa e a confirmação do potencial criativo dos falantes.

Portanto, o “Eu uso, ele usa, nós usamos” sugere exatamente aquilo que os autores pretendem nesta obra, por exemplo, verificar, reconhecer, identificar: os significados possíveis de pronomes e de substantivos em atuação interacional; os efeitos que a voz e valência verbais podem exercer sobre os discursos; ou até mesmo a reflexão sobre o ensino de língua portuguesa, observando-se a gramática tradicional escolar seja no uso efetivo da língua, em amplo sentido, seja num determinado complexo oracional, em sentido mais específico.

Esta acepção coaduna-se com a lógica de que usos significam, sob uma clara concordância com a visão filosófica da linguagem de Wittgenstein, 1999¹. Também, que tais usos admitem, explícita ou tacitamente, uma interação entre falantes. Por conseguinte,

1 WITTGENSTEIN, L. *Tractatus Logico-Philosophicus*. 3. Ed. 1. Reimpr. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2008.

uso, então, é reconhecido como uma via de, no mínimo, dupla mão, suscetível à observação e à análise, na modalidade oral, escrita e até gesto-visual.

Neste sentido, os trabalhos presentes nesta coletânea defendem, cada um a seu modo, sob perspectivas teóricas devidamente assentadas, que:

- “o ensino de Língua Portuguesa passa a ser considerado como meio pelo qual os estudantes devem desenvolver sua competência linguística, seu maior e melhor desempenho no uso da expressão verbal.” (Mariangela Rios de OLIVEIRA, Capítulo I);
- “o uso da língua é motivado pela situação comunicativa, que envolve os interlocutores, seus propósitos comunicativos e o contexto discursivo.” (José Walbérico da S. WCOSTA, Denilson P. de MATOS e Maria Angélica FURTADO DA CUNHA, Capítulo II);
- “O uso do pronome *tu* repetidamente revela o apelo do remetente e a intenção de destacar quem, de fato, ele ama.” (Cleber ATAÍDE e Victor Hugo Luz RAMOS, Capítulo III);
- “considerando os usos em situações reais de comunicação, observamos que esses pronomes assumem outras funções, bem mais pragmáticas. (Cláudia Sales de OLIVEIRA e Denilson P. de MATOS, Capítulo IV);
- “Nossas aulas na escola e até mesmo a leitura não crítica tampouco contribuem para que façamos questionamentos essenciais para entender quais intenções pragmático-discursivas estão por trás da construção de textos.” (Isabella S. TOGUICH e Dione M. GOMES, Capítulo V);

- “as estruturas linguísticas emergem do uso, o usuário movimenta e ordena os itens lexicais na sintaxe da língua em meio a pressões interativas do ato comunicativo.” (Cícero José CJSILVA e Denilson P. de MATOS, Capítulo VII);
- “Léxico e gramática representam os dois extremos de um mesmo *continuum*, visto que não é possível o uso da língua sem um ou sem o outro.” (*Vania Lúcia Rodrigues DUTRA*, Capítulo VIII);
- “Este caminho de investigação nos traz a possibilidade de uma pesquisa preocupada em examinar a relação entre a estrutura gramatical da língua e os vários contextos interacionais de uso.” (Adélia V. A. LACERDA, Amanda de Souza BRITO e Denilson P. de MATOS, Capítulo IX).

Portanto, conforme os excertos dos capítulos dos autores de *Sintaxe na Linguística Funcional*, é possível notar as inquietações que emanam de suas proposições, sobretudo o interesse em contribuir para que os usos sejam observados no interior dos sintagmas, orações, textos e discursos, reconhecendo-se que o conjunto sintático, lexical e discursivo-pragmático deve ser acolhido para o entendimento de como cada falante faz uso das estruturas linguísticas, sempre observadas no todo oracional e não em fragmentos ou vocábulos soltos.

Inclusive, seria bastante apropriado reconhecer que a concepção defendida nos capítulos de *Sintaxe na Linguística Funcional* pode sugerir ações voltadas para ensino de língua, propondo-se, por exemplo, outras opções de analisar a oração e o discurso. Aque-la, compreendendo-se, também, em sua análise, aquilo que excede

ao sistema. E este, considerando-se, também, o princípio de que o discurso se constrói a partir de estruturas em franco uso: momento em que tudo se organiza e reorganiza em função de interesses individuais e coletivos: “Eu uso, eles usam, nós usamos”.

Sobre o capítulo 1, FUNCIONALISMO, COGNIÇÃO E ENSINO DE LÍNGUA PORTUGUESA, de Mariangela Rios de OLIVEIRA, a educação básica do Brasil é lembrada para reforçar a necessidade de ressignificação do papel do docente e discente em tempos das TDIC (Tecnologias digitais de informação e comunicação). E isto está intimamente ligado à representação linguística que tais agentes fazem do mundo e, conseqüentemente, a como lidar com alguns conceitos da gramática, dita tradicional, em tempos de usos cada vez mais suscetíveis ao protagonismo, mais recente, dos estudantes. As estruturas mudaram pouco, em termos absolutos, mas os usos não. Outros e novos usos seguem atuando, diante de um ensino que ainda não conseguiu se reinventar para além das ações individuais dos docentes, em suas turmas respectivas.

Os capítulos 2, 3, 4, 6, 7 e 9 elencam itens da língua portuguesa, com morfossintaxe definida, em termos de protótipo, lançando luz a possibilidades funcionais (-) usuais, porém efetivas e (+) usuais, sob ótica diversa daquelas já consagradas tradicionalmente.

No capítulo 2, USOS DO ITEM LEXICAL “COISA” NO PORTUGUÊS FALADO DE JOÃO PESSOA – PB, de José Walbérico S. WCOSTA, Denilson P. de MATOS e Maria Angélica FURTADO DA CUNHA, o item substantivo *coisa* é interpretado, reconhecendo-se que ele depende de outros elementos linguísticos com os quais se relaciona (endo e exoforicamente). Na mesma me-

dida, estes elementos atuam no preenchimento do suposto vazio semântico que “coisa”, a princípio, manifesta.

Já no capítulo 3, de Cleber ATAÍDE e Victor Hugo Luz RAMOS, no capítulo 7, de Cícero José CJSILVA e Denilson P. de MATOS, e no capítulo 9, de Adélia V. A. LACERDA, Amanda de Souza BRITO e Denilson P. de MATOS, são observados os usos dos pronomes pessoais: *você, tu, o, a, os, as, ele, ela, eles, elas e me*.

ATAÍDE e RAMOS, no capítulo 3: ENVIO-TE MAIS ESTA CARTINHA PARA DAR-TE AS MINHAS NOTÍCIAS E... SABER DAS TUAS”: AS FORMAS PRONOMINAIS DATIVAS EM CARTAS AMOROSAS DO SERTÃO PERNAMBUCANO, analisam as variações das formas *tu e você* e seus paradigmas, em contexto morfossintático de objeto indireto nas cartas de amor do sertão pernambucano, em meados do século XX. Propõem que haja algum paralelismo linguístico quando há preferência pelo uso de *tu* na posição de sujeito em correspondências amorosas, indicando que tais escolhas sugerem interesses pragmáticos efetivos.

No capítulo 7: “PEGO ELE” “COLOCOU ELA”: USOS E FORMAS EM FLUTUAÇÃO, CJSILVA e MATOS ponderam que haja consequências sintático-discursivas na flutuação dos pronomes *a, o, as, os, ele, ela, eles, elas*, com relação à função assumida na oração em posições pré-verbais e pós-verbais. Observam se há verbos motivadores da atuação sintático-discursiva no uso destes pronomes em posição de complemento verbal. E se o uso dos pronomes do caso reto em função completiva ocorre com a mesma frequência na modalidade falada e escrita.

Em *A PARTÍCULA DISCURSIVA ME*, capítulo 9, LACERDA, BRITO e MATOS reconhecem o pronome *me*, como partícula discursiva, categoria de pronome cuja função sintática desempenhada não foi possível identificar diante do conjunto de regras previstas na sintaxe de noção mais tradicional. Todavia, é importante perceber que, nas ocorrências como partícula discursiva, há um funcionamento do pronome *me* que avança o nível sintático em direção ao nível discursivo.

Os pronomes demonstrativos *esse* e *este* são tratados no capítulo 4, PRONOMES DEMONSTRATIVOS: UMA (RE-)VISÃO PANCRÔNICA, de Cláudia SALES de Oliveira e Denilson P. de MATOS, e no capítulo 6, O PERCURSO FUNCIONAL DOS PRONOMES DEMONSTRATIVOS *ESSE* E *ESTE*: DO LATIM CLÁSSICO AO PORTUGUÊS, de Adílio Junior de SOUZA e Denilson P. de MATOS.

No capítulo 6, verificam-se as características sintáticas e semântico-discursivas dos pronomes. Nessa visão, o estudo focaliza os usos desses pronomes, respaldado por fontes do greco-latino e do português.

Já no capítulo 4, pensando no conceito de marcação da Linguística Funcional de abordagem mais clássica (LFC), os autores propõem que os pronomes demonstrativos *esse* e *este* nem sempre são categorias discretas, pois um assume as função do outro. Diante da alta frequência de uso do pronome *este*, assim como ocorreu no *latim vulgar*, quando o pronome *iste* absorveu o uso de *hic*, em português, o pronome *este* está incorporando as (multi)funções de *esse*.

No capítulo 5, ANÁLISE LINGUÍSTICA COGNITIVO-FUNCIONAL DO DISCURSO JORNALÍSTICO SOBRE OS

POVOS INDÍGENAS BRASILEIROS, de Isabella S. TOGUCH e Dionei M. GOMES, há uma discussão interessante sobre preconceitos e estigmas, nem sempre muito explícitos, sobre o discurso jornalístico a respeito dos povos indígenas brasileiros. Os autores, por meio da análise das vozes e valências verbais, identificam nos textos jornalísticos elencados a discriminação com o indígena reforçada pelos meios de comunicação em massa. Considerando que esses meios constituem uma importante fonte de informação, figurando entre os principais formadores de opinião no país, os autores entendem que ainda há espaço para pesquisas que colaborem para a compreensão da resignificação da identidade indígena.

Em outro recorte e abordagem, sob a égide da LSF, no capítulo 8: GSF E COMPLEXO ORACIONAL, Vania DUTRA propõe que a construção de mensagens por meio de orações ou por meio de complexos oracionais é uma escolha que gera significados diferentes. A opção por uma ou por outra forma de alinhamento do complexo oracional, também. Ou seja, a língua pode codificar um mesmo significado por meio de estruturas diversas, com vistas a atender a intenções comunicativas diferentes, em contextos distintos.

Diante do exposto e conforme o título desta apresentação, convém reforçar que todos os autores do livro **Sintaxe na Linguística Funcional** observam a representação linguística como resultado das diversas funções desempenhadas por estruturas e complexo estruturais, a partir dos interesses do falante potencial.

Se “Eu uso, ele usa, nós usamos”, quer dizer que significados se constroem, interpretações se estabelecem e se reconstruem

nas mais diversas maneiras de interação linguística. E é exatamente isto que nos move, enquanto pesquisadores que buscamos encontrar vida na língua/linguagem graças àqueles têm a competência, a oportunidade e o contexto apropriado para fazer.

Prof. Dr. Denilson Pereira de Matos

Prof. Associado UFPB